

O PATRIARCA LATINO DE JERUSALÉM E O “MASSACRE” DOS CRISTÃOS

19/05/14

Já há algum tempo que pensava escrever sobre a tragédia por que passam inúmeras comunidades cristãs espalhadas pelo mundo, maioritariamente em países comunistas e islâmicos, nomeadamente no Médio Oriente.

Surgiu agora a oportunidade com a visita do Patriarca Latino de Jerusalém, D. Fouad Twal, que este ano presidiu às celebrações do “13 de Maio” em Fátima e foi razão para um pequeno colóquio, em que deveria ser a figura principal, realizado na Universidade Católica no dia seguinte.¹

Esta organização foi da iniciativa do Instituto de Direito Canónico da citada Universidade, presidido pelo Cónego Doutor João Seabra, uma das vozes corajosas da Igreja Portuguesa e que, em simultâneo, diz coisas acertadas.

O Patriarca de Jerusalém que tem, ainda, a ciclópica tarefa de pastorear as comunidades cristãs, dos mais diferentes ritos, em 16 Estados da região, fez uma curta e sentida intervenção, onde acabou a fazer uma apelo aos portugueses, à sua Igreja e aos órgãos de soberania, para ajudarem e influenciarem os países da UE, na resolução dos conflitos no Médio Oriente e, sobretudo, na protecção e defesa dos cristãos daquelas paragens.

Os quais, como alguém disse durante a sessão, apenas têm contado com a Igreja e a Santíssima Trindade...

De facto a falta de interesse da “Comunidade Internacional” invocada pelo Patriarca – mas Senhor Patriarca o que será isso da Comunidade Internacional? – sobretudo, pelos países de maioria cristã (digo eu), pelas atrocidades que um pouco por todo o lado, têm sido cometidas contra comunidades cristãs, tem sido pasmosa.

No Médio Oriente, por ex., estão todas a desaparecer em virtude das guerras e perseguições que se sucedem sem cessar, que levam a morte e o sofrimento, fazendo com que muitos optem pelo estatuto de emigrante ou refugiado. E nada disto encoraja a procriação...

A falta de protecção política, económica e, até, militar é dramática – para não dizer pouco cristã – já para não falar na falta de interesse, quiçá desprezo, com que a maioria dos OCS do mundo chamado “ocidental” lida com este fenómeno.

Os cristãos, de facto, viraram seres descartáveis que, aparentemente, só terão direito a sobreviver em catacumbas...

¹ D. Fouad Twal, de nacionalidade Jordana, ocupa o cargo desde 2008 e é, também Grão - Prior da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém. O Patriarcado de Jerusalém foi criado, nos tempos modernos, pelo Papa Pio IX, em 23/7/1847. A Arquidiocese tem sede na Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém e jurisdição eclesiástica sobre Israel, Palestina, Chipre e Jordânia. Deve acrescentar-se que apenas existem mais três patriarcas em todo o mundo: Veneza, Lisboa e o Patriarca das Índias Orientais.

Menos se compreende tudo isto, quanto a Cristandade tem dado, desde há muito, a maior abertura e tolerância no âmbito religioso; a Igreja Católica tem sido a única a pedir desculpas por excessos do passado – onde ninguém tem as mãos limpas – e exemplo na aproximação ecuménica e entre religiões; os governos ocidentais, nomeadamente europeus, têm facilitado, até para além do razoável, o estabelecimento e desenvolvimento de comunidades de outras religiões, sem qualquer contrapartida, noutras partes do mundo, nomeadamente muçulmano.

Ainda, quando se constata uma lamentável dualidade de critérios na análise e reacção a eventos que vão acontecendo, como os recentes e graves incidentes ocorridos na Nigéria, com o rapto de duas centenas de moças, por parte de uma organização terrorista islâmica, ilustram à saciedade.

Não existe réstia de comparação quando se queimam cristãos dentro de igrejas, por exemplo...

Note-se que neste caso, das moças raptadas e sob a ameaça de serem vendidas como escravas – um cenário burlesco se não fosse trágico – as primeiras figuras das principais potências ocidentais vieram a público mostrar a sua indignação e prometer ajuda dando, por outro lado, a sensação que estão desejosos de utilizar o pretexto para intervirem na região por outros motivos menos filantrópicos...

Lamentamos ter de desiludir o Senhor Patriarca, mas não antevemos que nenhum país europeu vá em auxílio dos seus irmãos em Cristo, pela simples razão de que a “União Europeia” está moral e espiritualmente destroçada. A UE precisa sim, é que a ajudem a arrumar as diferentes casas europeias, pois não existe casa comum alguma a não ser os "corredores" pouco recomendáveis de Bruxelas e Estrasburgo. Até a sua matriz cristã renegou...

Sabe Senhor Patriarca, a Ordem do Templo foi extinta, sem piedade, há muito, e não se vislumbra em toda a Europa nenhum Bernardo de Claraval para definir uma estratégia comum e concertada.²

Permita que o aconselhe a escrever a um tal de Putin, lá para as bandas do antigo Ducado da Moscóvia, pelo menos para a defesa dos cristãos ortodoxos, tem grandes hipóteses de obter sucesso.

Em Portugal, caríssimo Patriarca, as coisas ainda estão piores, sabe!?

Em 40 anos sofremos uma tal e tão catastrófica diminuição de capacidades, a todos os níveis; sofremos uma regressão e perversão tão grande no campo dos Princípios, que mantêm uma comunidade nacional coesa e sã; e estamos tão falhos de liderança política, que o Moral anda pelas ruas da amargura de tal modo que o máximo divisor comum passou a ser o “isto não tem concerto”...

² Extintos no Congresso de Vienne, em 1311, note-se, por um Papa, Clemente V, que devido às suas fraquezas permitiu que o muito pouco cristão e endividado Rei de França, Filipe IV, o Belo, exorbitasse e concorresse em tal vilania. Felizmente o Rei d. Dinis iludiu esta directiva, transformando o Templo em Ordem de Cristo, em 1319.

“Isto” costumava ter o nome de Portugal.

Para atendermos ao seu pedido, tínhamos que restaurar, na sua plenitude, as Ordens de Cristo, Santiago e Avis e substituir todos os partidos políticos por elas...³

A tarefa como pode imaginar – apesar de compreender que possa conhecer mal o percurso dos nossos nove séculos – não é nada fácil.

É que este estranho povo, a meio da sua História, perdeu-se, isto é, passou a escolher mal alguns caminhos.

Como penso que saberá as Ordens Militares/Religiosas citadas, foram fundamentais para a independência, consolidação e alargamento deste antigo reino; formaram grande parte das suas elites e moldaram muito do seu carácter e da sua religiosidade, ou seja, da sua idiosincrasia.⁴

Por isso sempre foram respeitadas pelos Reis e acarinhadas pelos restantes “braços” do Reino.

Até que um rei, certamente mal avisado, encarregou um frade de reformar as ditas ordens, em 1529, tornando-as orantes, enclausurando-as e retirando-lhes todo o poder que detinham.

Uma outra Rainha, apesar de lhes querer restaurar o prestígio, secularizou-as, em 1789, tentando ainda harmonizá-las e fixar-lhes objectivos específicos; os monarcas portugueses passaram a ostentar a banda das três ordens.

Depois a desgraça consumou-se na sua plenitude, quando no fim da pior guerra civil que o país dos portugueses sofreu, um governo eivado do mais fino jacobinismo, pura e simplesmente extinguiu todas as Ordens Religiosas. Corria o ano de 1834.

Restou o seu carácter honorífico.

Finalmente, a República começou por as extinguir como tal, em 1910, mas reverteu a situação durante a I Grande Guerra, fixando na pessoa do PR, o título de Grão - Mestre das mesmas e a autoridade para as atribuir.

E o pior de tudo, Sereníssimo Patriarca, é que cerca de 95% da população já nem faz a menor ideia daquilo que está para trás. E devo estar a ser optimista.

Deus o abençoe na sua prestimosa tarefa - que se afigura um verdadeiro Calvário - e pode acreditar que o ajudarei de boa mente, naquilo que puder.

³ A Ordem dos Hospitalários teve origem em Jerusalém, em 1099, e a sua primeira casa em Portugal, em Leça do Balio, estabelecida entre 1122 e 1128. O seu Superior no nosso País era conhecido pelo Prior do Hospital e desde o reinado de D. Afonso IV, por Prior do Crato.

É conhecida hoje em dia, por Ordem Soberana e Militar de Malta, tendo a sua sede em Roma.

⁴ As Ordens Militares conheceram o seu maior desenvolvimento na Idade Média tendo obtido grandes mercês dos nossos primeiros reis, e ainda no século XV. O preclaro Rei D. Dinis “nacionalizou-as”, de modo a garantir que todos os Grão-Mestres fossem portugueses; D. João I começou a torna-las reais, processo que ficou concluído com D. Afonso V.

Peço-lhe apenas que também deixe cair uma oração por este canto mais ocidental (e não do Sul) da Europa.

Acredite que precisamos.

João J. Brandão Ferreira

Oficial Piloto Aviador